



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA EM LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Larisa dos Santos Souza de Carvalho*
(UESC)

Karina Pereira Pinto**
(UESC)

RESUMO:

A partir de uma perspectiva de análise crítica do currículo escolar, este é entendido como veículo de saberes legitimados, atuando na produção de subjetividades. O livro didático, pouco problematizado em virtude de sua tradição escolar, age como dispositivo material do currículo, organizando práticas e orientando condutas. Em análise dos discursos imagéticos e textuais sobre família nos livros didáticos do Projeto Buriti (Editora Moderna), do Ensino Fundamental I, observou-se que as representações de família são pautadas no modelo nuclear, branco, favorecido economicamente, apresentado como o modo natural e saudável de vida. Tais representações, repetidamente expostas no cotidiano escolar – ambiente de legitimação de saberes e práticas socialmente valorizadas –, atribuem um cunho pejorativo a outros modos de organização familiar, excluindo e/ou estigmatizando o diferente como estranho.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático, Currículo, Família

INTRODUÇÃO

A escola exerce um papel fundamental na difusão de representações sobre

* Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, bolsista de Iniciação Científica FAPESB, sob orientação de Karina Pereira Pinto. E-mail: larisasscarvalho@hotmail.com

** Professora de Psicologia da UESC, Doutora em Educação pela PUC/SP, orientadora da pesquisa IC/FAPESB “Representações de família no livro didático: implicações para a produção de subjetividades”, líder do grupo de pesquisa “Saberes Psicológicos e Produção de Subjetividades” cadastrado no Diretório do CNPq. E-mail: karinappinto@bol.com.br.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

família, pois se constitui como espaço privilegiado de seleção de práticas e saberes considerados válidos e importantes à manutenção de determinadas relações de poder. O currículo escolar, no qual se insere o livro didático, tem privilegiado certo modelo de família, excluindo ou estigmatizando a diversidade de arranjos familiares. O livro didático precisa, pois, ser desmistificado como mero suporte de conteúdos para reconhecer que seus discursos exercem poder ao desconsiderar diferentes perspectivas de vida.

A proposta deste trabalho é apresentar os resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica “Representações de família no livro didático: implicações para a produção de subjetividades”, em desenvolvimento com bolsa IC/FAPESB (08/2010-07/2011), que objetiva analisar as representações de família presentes nos discursos imagéticos e textuais dos livros didáticos de História do Projeto Buriti (Editora Moderna) para o ensino Fundamental I.

Os livros didáticos foram analisados a partir da perspectiva de Souza (2001) que propõe a realização de uma crítica interna do livro didático. Para a autora, o estudo das imagens reside na interpretação de suas representações as quais se constituem como uma forma de legitimação do mundo. É preciso, pois, considerar as relações de poder subjacentes às suas imagens. Com base em Martins (2006), considerou-se a análise do discurso que concebe o texto didático como um conjunto de descrições ou pistas de processos de construção de sentidos socialmente aceitáveis. O texto do livro didático é caracterizado por uma estabilidade no seu vocabulário, repetição de determinadas estruturas de digitalização dos conteúdos e exercícios, e pela relação entre formatos de apresentação e organização de atividades em sala de aula, precisando, portanto, ser problematizado.

Para Choppin (2004), o livro didático assume uma função ideológica e



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

cultural. As pesquisas sobre livro didático não podem, portanto, se concentrar apenas na análise do texto em si, mas em todos os elementos que revelam intenções particulares dos seus autores/editores, como a organização e divisão dos elementos textuais e/ou imagéticos no interior de suas páginas. Para o autor, a relação entre currículo e livro didático precisa ser explicitada, pois a escola foi e tem sido construída como uma instituição isolada da diversidade social e cultural que a integra, configurando-se como um espaço de seleção de saberes, particularização dos discursos e valores.

O currículo escolar é um dispositivo de grande eficácia no que concerne à formação de identidades e subjetividades (SILVA, 2001), e, no cotidiano escolar, possui como um de seus principais dispositivos materiais o livro didático, que desempenha o papel de legitimador de interesses e saberes particulares:

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder. O currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares (MOREIRA; SILVA, 1999, p.7-8).

Segundo Sacristán (2000), o currículo não contempla as experiências das diferentes culturas que circundam o ambiente escolar, pois é planejado e definido por instâncias alheias à realidade social na qual a escola está inserida. Neste âmbito, é importante ressaltar as contribuições de Santomé (1998) em relação às culturas e vozes ausentes no currículo escolar, dentre as quais se pode mencionar as famílias que se organizam diferentemente da família nuclear burguesa⁷⁹, silenciadas pelos dispositivos do currículo em suas diversidades de modos de vida.

⁷⁹ Caracterizada, dentre vários aspectos, por: pai, mãe e filhos morando juntos, condição econômica favorável, união, felicidade e estabilidade.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A escola tem silenciado e negado o direito das minorias em relação a todo o processo histórico de marginalização social. Os grupos minoritários continuam sendo estereotipados e suas culturas distorcidas ou desconsideradas pelo currículo. Como afirma Gomes (2007, p.237): “A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamento e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se”.

Ao determinar um modelo valorizado socialmente, as demais culturas passam a ser consideradas partículas estranhas nas escolas, que fazem a manutenção da cultura hegemônica através do currículo e do livro didático. Este é pouco problematizado em virtude de sua tradição na educação escolar de diversas gerações. Segundo Sacristán (2000), os livros-textos são o currículo criado para ser consumido por professores e alunos, tornando-se fonte de reificação de conteúdos considerados legítimos em uma determinada época. Nesse sentido, as tramas de poder em que os discursos imagéticos e textuais dos livros didáticos estão inseridos apontam que:

[...] a diferença tem sido marcada de forma hierarquizada e assimétrica, e que os sujeitos ou as práticas mostrados (as) como diferentes o são de forma que pareçam inferiores, de modo que a diferença não é estabelecida desinteressada e inocentemente, mas é instituída a partir de discursos e ‘olhares poderosos’ (OLIVEIRA, 2007, p.440).

Tal questão pode ser notada nas representações de família nos livros didáticos analisados, pois as mesmas afirmam predominantemente o modelo nuclear de família como sendo o modo saudável de vida. Na unidade 3, “Nossa vida familiar”, do livro do 2º ano, destaca-se uma sequência de três figuras que ocupam duas páginas do livro. A primeira imagem registra a vida de um casal no ano 2000.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O casal demonstra felicidade e cumplicidade, e assiste televisão. A sala da casa está mobiliada com: sofá, mesa de centro, tapete, abajur, quadro e televisão. A segunda imagem registra o ano de 2002. Há um casal idoso (representação dos avós) com um bebê no colo, a mesma mulher da primeira imagem com uma mamadeira na mão (representação da mãe) e o mesmo homem da primeira imagem, de joelhos no chão ao lado de um carrinho de brinquedo (representação do pai). Na terceira imagem, no ano de 2008, o casal, na companhia de duas crianças que brincam (representação dos filhos), mantém o hábito de assistir televisão na sala. Esta teve o mobiliário alterado: a antiga televisão foi substituída por uma TV de última geração, o sofá, o quadro da parede e a mesa da televisão foram trocados por mobiliários mais sofisticados.

Após a apresentação das três imagens, encontra-se a atividade “Lendo imagens” com os seguintes enunciados:

1. Observe as ilustrações de uma família ao longo do tempo.
 - a. Quantas pessoas viviam nessa família em 2000?
 - b. Que mudança ocorreu na família em 2002?
 - c. Quantas pessoas viviam na família em 2008?
 - d. O que aconteceu com a família com o passar do tempo?
2. Agora, observe a mobília e os eletrodomésticos.
 - a. O que mudou de 2000 a 2002?
 - b. Que móveis e eletrodomésticos mudaram de 2002 a 2008
3. Compare a família das ilustrações com a sua família.
 - a. Quantas pessoas vivem com você?
 - b. Sua família é parecida com a família da ilustração?
 - c. Conte algumas mudanças que aconteceram na vida de sua família desde que você nasceu (PROJETO BURITI, 2007a, p.31).

Ao analisar as imagens e as atividades propostas, observamos que a família representada tem um padrão econômico favorecido, pois possuem objetos que nem sempre estão presentes nas residências das famílias brasileiras, e há um

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

padrão de vida naturalizado: ao longo dos anos a família “naturalmente” aumenta com a chegada dos filhos, e o mobiliário é “naturalmente” substituído por algo mais novo e moderno. Quanto à estrutura da família, esta se mantém com a mesma estabilidade e felicidade dos primeiros anos de convivência do casal. Como sugere a atividade, ao comparar a sua família com a apresentada no livro didático, muitos estudantes sentirão falta da estabilidade e felicidade permanente dos membros da família, e serão levados a considerar a sua família diferente, inferior e menos interessante que a família das imagens analisadas.

Segundo Silva Junior e Andrade (2007), discursos e práticas que atuam como poderosas estratégias de normatização e regulação de valores, sentimentos e formas de pensar e atuar foram afirmados em meio ao fervor do movimento higienista. Este ganhou ênfase no Brasil no final do século XIX ao se inserir nas políticas públicas e legitimar-se em virtude da cientificidade. A proteção à infância passa a ser enfatizada, pois se entendia que, cuidando das crianças, haveria a possibilidade de evitar o desenvolvimento de futuras degenerescências, fardos e perigos sociais. Desta forma, a história da proteção à infância no Brasil é marcada pela exigência do modelo de família nuclear burguesa.

Fragmentando as antigas relações de castas, religião e propriedade, os higienistas prepararam a família para habituar-se e participar da criação dos valores de classe, corpo, raça e individualismo, característicos do Estado Moderno. O pai deveria responsabilizar-se pela proteção e bem-estar material da prole; a mulher ganhava o papel de iniciadora da educação dos filhos; e, por fim, o papel da criança era redefinido, de modo a contestar o antigo ethos familiar: “os filhos deveriam ser criados para amar e servir a humanidade e não para amar e servir à família” (COSTA, 1999, p.170).

No que diz respeito à difusão de um padrão de família construído e imposto ao longo da história, os livros didáticos exercem um papel fundamental, pois atuam



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

como dispositivos privilegiados na produção de subjetividades, excluindo ou estigmatizando o outro como estranho ao padrão hegemônico de ser e aprender. No livro do 3º ano de História do Projeto Buriti esta questão se torna evidente. Na Unidade 7 “Tempo de energia”, encontra-se uma seqüência de imagens que retratam o dia-a-dia de dois meninos: Augusto e Henrique. Trata-se de um conteúdo para estudo das noções de passado e presente. Augusto representa o menino do passado que não tem acesso à energia elétrica, e Henrique, no presente, tem acesso à energia elétrica.

As imagens estão dispostas lado a lado a fim de estabelecer uma comparação entre a vida de Augusto e Henrique. A comida de Augusto é feita no fogão a lenha e a de Henrique é feita no microondas; para Augusto tomar banho quente, a mãe ferve água na panela e banha ele com um caneco, enquanto Henrique toma banho de chuveiro-elétrico; Augusto estuda com luz de velas e Henrique estuda com o auxílio de lâmpadas; Augusto brinca na rua e Henrique assiste televisão. Quanto à transformação no modo de viver em família, nota-se a mudança do papel masculino e feminino, pois, com Augusto, a figura materna é representada como sendo responsável pelos cuidados do filho, enquanto a mãe de Henrique é representada lendo um livro e o seu pai ajudando nas tarefas domésticas. Entretanto, as imagens não consideram o fato de que ainda existem muitas pessoas que não têm acesso à energia elétrica na sociedade contemporânea. Ao situar a falta de energia elétrica como algo do passado, as pessoas que não têm acesso à energia ou aos benefícios tecnológicos sentir-se-ão excluídos, estranhos ou atrasados em relação ao presente. Outra observação refere-se ao padrão de vida representada como sendo atual: microondas, chuveiro elétrico e televisão de última geração. Quantas famílias de crianças que estudam em escolas públicas brasileiras, e que utilizam os livros didáticos do Projeto Buriti, possuem estes itens em suas casas?

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O livro didático assume, assim, um papel preponderante na determinação dos saberes considerados autorizados, favorecendo algumas perspectivas e excluindo os discursos de determinados grupos (MARTINS, 2006). Na unidade IV “Tempo de se alimentar”, do mesmo livro, encontra-se uma atividade com a seguinte questão:

4. Escreva

a. Peça a algum colega que conte alguma coisa sobre os hábitos da família dele. Por exemplo: o que costumam fazer no domingo, como são as refeições em família, como comemoram as festas, o que fazem nas férias...

b. Escreva o depoimento do seu colegas.

c. Mostre a ele o seu texto. O que ele achou? (PROJETO BURITI, 2007b, p. 55).

Neste trecho a família pode ser considerada de múltiplas formas, mas há um dado que remonta ao modelo de família unida e feliz: pressupõe-se que as famílias fazem refeições juntas, passam férias juntas etc., ou seja, há um modo de estar em família que se serve de modelo para este contexto.

Ao falar da família, o mais apropriado seria nos referir a um processo de historicidade das relações familiares, ao invés de uma uniformidade da família: “nunca existiu ‘a família’ e, hoje, principalmente, o que há são ‘famílias” (AMAZONAS; BRAGA, 2006, p.177). As transformações nos contextos sócio-cultural, econômico e político têm se refletido sobre as famílias: mudanças demográficas, em particular a maior expectativa de vida; inclusão crescente da mulher no mercado de trabalho; separações e os rearranjos familiares; controle da maternidade; transformações nas funções parentais e de gênero (homoparentalidade, coparentalidade, inseminação artificial com doador, recasamento), etc. Essas novas formas de entender as famílias não são consideradas nas atividades dos livros analisados. No livro do 2º ano, Unidade I

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

“Muito prazer, eu sou criança!”, o silenciamento dos diferentes modos de viver em família pode ser constatado na seguinte questão:

4. Em uma folha de papel sulfite ou cartolina, copie a ficha abaixo e responda à pergunta do poema: Quem é você?

| | |
|----------------------|--------------------------|
| Meu nome completo é: | Nome do meu pai |
| Cidade onde nasci: | Gosto de comer: |
| Data de nascimento: | Gosto de brincar de: |
| Nome da minha mãe: | Não gosto de brincar de: |

(PROJETO BURITI, 2007a, p. 11).

Ao analisar esta atividade, nota-se que há uma afirmação da existência da figura materna e paterna na vida da criança. É importante considerar, no entanto, que nem todas as famílias são estruturadas em torno da existência das figuras de pai e mãe. A atividade proposta no livro analisado afirma um modelo único de organização familiar e desconsidera as organizações baseadas em relações de afeto ou sobrevivência.

Segundo Szymanski (2009), o modelo idealizado de família pode ser definido como família pensada, a qual exige uma organização não compatível com o contexto vivenciado na sociedade. A família pensada é entendida como um parâmetro referencial que não pode ser concretizado na realidade, gerando um sentimento de incompetência das famílias que se organizam segundo as exigências do cotidiano. A família pensada não é uma construção pessoal, ela foi estabelecida por várias relações de poder que impedem uma reflexão do sujeito acerca de suas implicações.

Ao contrário da família pensada existe a família vivida, definida como as formas de agir habituais dos membros de uma família no cotidiano, estando ou não de acordo com o modelo nuclear burguês. A família vivida se manifesta como uma

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

alternativa escolhida para enfrentar as situações que se vão apresentando:

Esta solução foi a escolha de uma possibilidade que apareceu como a viável em um determinado momento. Ela tem o caráter da realidade vivida, distante, muitas vezes, de um pensado idealizado, que não conhece barreiras para a sua realização. A solução aponta para as limitações encontradas no dia-a-dia para a realização de um sonho. Só que nem sempre a inadequação é atribuída ao sonho, mas à solução (SZYMANSKI, 2009, p.63).

No livro do 3º ano, unidade II “O tempo não para”, o tópico “O álbum de Clarissa” é representado em duas páginas, compondo um quadro amplo e articulado com cinco imagens. Na primeira, é representado o dia 7 de fevereiro de 2002 como os primeiros dias de vida de Clarissa. Esta está no colo de uma mulher e um homem branco, sentados em um sofá (representação dos pais) e, ao lado, encontra-se um casal idoso (representação dos avós). Compõe o local onde todos se encontram: uma televisão, uma mesinha com aparelho telefônico, um vaso de planta e um tapete. Na segunda imagem, com a data de 10 de abril de 2004, Clarissa é representada no mesmo local e com os mesmos casais da imagem anterior, mas agora há um bebê no colo do casal adulto (representação do irmão) e Clarissa está caminhando na direção dos avós. No dia 15 de maio de 2006, Clarissa está com uma criança e uma mulher loura de óculos (representação de uma professora). Estão todos sentados no chão e as crianças desenham com o auxílio da mulher. Na página seguinte, Clarissa é levada pela mãe à escola na data de 2 de março de 2008. Na porta da escola encontra-se um homem branco, uma mulher negra e uma mulher branca de jaleco (representações da comunidade escolar) e, caminhando na direção da escola, um homem negro com uma criança negra, Clarissa e sua mãe, e uma criança com traços orientais. A última figura representa os pais, avós e o irmão comemorando o aniversário de 8 anos de Clarissa na data de 2 de fevereiro de 2010. A família é representada de forma unida e feliz, e há

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

estabilidade no modo como se organiza – pai, mãe, filhos e avós unidos.

Após a apresentação do álbum de Clarissa, temos a atividade “Lendo imagens”, dividida em dois exercícios:

1. Descreva as imagens do álbum de fotos de Clarissa.
 - a. Com quem Clarissa estava no ano em que nasceu?
 - b. O que aconteceu quando Clarissa tinha 2 anos?
 - c. Onde estava quando tinha 6 anos?

2. Converse com seus colegas:
 - a. Qual é a foto mais antiga do álbum de Clarissa?
 - b. Qual é a mais recente?
 - c. Quantos anos se passaram entre uma foto e outra?
 - d. Como seria a linha do tempo da vida de Clarissa?
 - e. Quais as datas mais importantes da vida dela? (PROJETO BURITI, 2007a, p. 21).

As imagens descritas e os exercícios propostos induzem a uma naturalização do modelo familiar de Clarissa, uma vez que, ao solicitar, através de atividades, que os alunos descrevam as imagens, estes resgatam o modelo idealizado de família – a família pensada (cf. SZYMANSKI, 2009) – em detrimento das próprias organizações familiares em que vivem.

A partir da análise dos livros didáticos selecionados, observou-se que as representações de família são pautadas no modelo de organização nuclear, construído e imposto como modo natural de vida. Mas, constatou-se também um olhar às diferentes concepções de família, como no livro do 2º ano, unidade 3 “Nossa vida familiar”. Destaca-se a referência a diferentes formas de organização familiar, entretanto, os modos de subjetivação subjacentes às imagens e textos são aqueles reificados pelo modelo familiar burguês: todas as pessoas presentes nas imagens são representadas com sorrisos; o hábito do almoço conjunto, “em família”; a boa relação implícita do filho com o pai. Tais sutilezas, ao invés de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

afirmarem a diversidade, fazem ao contrário, reafirmam um único modo de ser família, com características como felicidade, união, parceria, tal qual a frase do próprio livro-texto aponta: “cada família tem um jeito, mas em uma coisa todas se parecem” (PROJETO BURITI, 2007a, p. 32).

Através da pesquisa realizada, concluímos que o tipo de família composta por pai-mãe-filhos-na-mesma-casa é predominante e aparece de forma naturalizada nas imagens e textos dos livros didáticos de História do Projeto Buriti (Editora Moderna), do Ensino Fundamental I. Mesmo reconhecendo outros arranjos familiares, permanece um “julgamento silencioso” sobre as famílias que não se organizam de acordo com o modelo imposto. Tal conhecimento, alheio à diversidade sócio-cultural, é transmitido através do livro-texto contribuindo na construção das representações de família dos alunos e silenciando as múltiplas possibilidades de modos de vida. A análise dos livros didáticos foi desenvolvida com o intuito de desconstruir o modelo da família ideal representada nos livros didáticos, pois os sujeitos que integram a educação escolar apresentam diferentes formas de construir e significar as suas relações afetivas. Trata-se de considerar as várias possibilidades de constituição familiar, problematizando preconceitos e generalizações normativas que excluem diferentes perspectivas de vida.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, M.C.L.A.; BRAGA, M.G.R. Reflexões acerca das novas formas de paternidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Ágora** (Rio de Janeiro), v. IX, n. 2, p.177-191, jul/dez 2006.
- CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Educação e pesquisa, v.30, n3, p.49-566, set./dez, 2004.

COSTA, J.F. **Ordem Médica e norma familiar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GOMES, N.L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? In: FÁVERO, O.; IRELAND, T.D. (Org.). **Educação como exercício de diversidade**. Brasília: UNESCO/MEC/ANPED, 2007.p.229-248.

MARTINS, I. Analisando livros didáticos na perspectiva dos estudos do discurso: compartilhando reflexões e sugerindo uma agenda para a pesquisa. **Pro-posições**, v.17, n.1 (49), p. 116-136, jan./abr. 2006.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 7-37.

OLIVEIRA, T. S. Olhares que fazem a “diferença”: o índio em livros didáticos e outros artefatos culturais. In: FÁVERO, O.; IRELAND, T.D. (Org.). **Educação como exercício de diversidade**. Brasília: UNESCO/MEC/ANPED, 2007. p.431-447.

PROJETO BURITI. **História** - 2º ano. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2007a.

PROJETO BURITI. **História** - 3º ano. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2007b.

SACRISTÁN, G. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? In: SACRISTÁN, G; PÉREZ GOMEZ, A.I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. p.119-148.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SILVA JUNIOR, N. G. S.; ANDRADE, A. N. “É melhor para você!”: normatização social da infância e da família no Brasil. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 19, n. 2, p. 423-438, Jul./Dez. 2007.

SILVA, T. T. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 184-202.

SOUZA, R. F. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**, n. 18, 2001. p.75-101.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 2.ed.; Brasília: Liber Livro, 2009.